

MÓIN-MÓIN

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:
TEATRO DE OBJETOS: MEMÓRIA E HISTÓRIA

Florianópolis, v. 1, n. 29, p. 246 - 263, Maio 2024
E - ISSN: 2595.0347

O tempo e a velhice: o objeto como dispositivo de memória

Maysa Carvalho

Universidade de Brasília - UnB (Brasília, Brasil)



Figura 1 – Barraca de Memórias montada na Casa do Pioneiro no Núcleo Bandeirante.
Fotografia: Arquivo pessoal

DOI: <https://doi.org/10.5965/25950347012920240246>

O tempo e a velhice: o objeto como dispositivo de memória¹

Maysa Carvalho²

Resumo: O presente trabalho visa fomentar relações entre a velhice, o tempo e os objetos como dispositivo de memória. Será abordada a primeira etapa de criação do novo trabalho do coletivo brasiliense *Entrevazios* a partir de um outro olhar sobre o objeto e as histórias pessoais de mulheres idosas que deixaram suas cidades natais para tentar a vida no território da nova capital federal. Nos meses de agosto a outubro de 2023, foram escutadas e registradas histórias de mulheres idosas em quatro regiões administrativas do Distrito Federal a partir da ação “Barraca de Memórias”. Os relatos virarão um minidocumentário e posteriormente a dramaturgia de um trabalho cênico-instalativo em Teatro de Objetos.

Palavras-chave: Velhice; Memória; Objetos; Tempo; Brasília.

Time and old age: the object as memory device

Abstract: This study aims to explore the connections between aging, time, and objects as repositories of memory. The initial phase of creating new work by the Brasilia collective *Entrevazios* takes a unique approach to objects and the personal narratives of elderly women who relocated to the new federal capital. From August to October 2023, stories of elderly women were collected and recorded across four administrative regions of the Federal District (Brazil) through the "Barraca de Memórias" initiative. These accounts will be synthesized into a mini-documentary and later serve as the basis for the dramaturgy of a scenic-installation piece in Object Theater.

Keywords: Elderly; Aging; Memory; Objects; Time; Brasilia.

¹ Data de submissão do artigo: 15/11/2023. | Data de aprovação do artigo: 22/02/2024.

² Artista, educadora e pesquisadora brasiliense. Graduada em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília - UnB (2013), Mestra em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (2018) e Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília - UnB. Foi professora substituta na UnB (2019-2020), atuando nas áreas de Teatro de Formas Animadas e Pedagogia do Teatro, e no Instituto Federal de Santa Catarina IFSC (2018-2019), como professora substituta de teatro. Em 2020, funda o Espaço de Criação, Pesquisa e Formação Artística *Poética da Matéria* oferecendo oficinas, cursos e laboratórios de pesquisa e criação na área do Teatro de Animação no formato online. É membra-fundadora do Coletivo *Entrevazios* (2014), com foco em cenografia, intervenção urbana, performance, teatro de animação e instalação, que tem como pesquisa as poéticas urbanas. Email: maysa.carvalho@gmail.com e ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7172-6245>

O coletivo

Criado em 2014, ainda no contexto universitário, o coletivo Entrevazios estrutura-se a partir do caderno de artista, que deu nome ao coletivo, desenvolvido neste mesmo ano para participar da seletiva da Mostra de Estudantes da Quadrienal de Praga – PQ³. Cinco artistas-estudantes do nível de graduação de cursos variados da Universidade de Brasília se juntaram para investigar a relação entre os corpos e Brasília: cidade patrimônio⁴. Desde então, o interesse pelas intervenções no espaço urbano percorre os trabalhos artísticos e transversaliza a poética e estética do coletivo.

O caderno de artista “Entrevazios” foi selecionado para integrar a exposição na PQ15, e três integrantes — do grupo inicialmente formado e desenvolvido deste único trabalho — decidiram seguir juntos e criar o coletivo homônimo. O que era apenas um projeto universitário passou a ser um coletivo artístico brasileiro. Juntos, os três integrantes conseguiram apoio financeiro de instituições públicas e pessoas físicas e fizeram a viagem a Praga junto ao caderno selecionado.

Durante o período em que estivemos no continente europeu para a participação no evento, desenvolvemos nosso segundo trabalho autoral, “O estrangeiro”, uma série de três intervenções urbanas realizadas pelas cidades de Dubrovnik (Croácia), Barcelona (Espanha) e Budapeste (Hungria). Em 2017 iniciamos nosso terceiro trabalho, concluído em 2019: “De Ver Cidade – Brasília numa caixa de brincar”. Nessa etapa de criação, duas pessoas integraram-se ao

³ A Quadrienal de Praga (*Prague Quadrennial* - PQ) foi criada em 1967 e é mundialmente reconhecida por unir principalmente artistas da área da cenografia, mas também do figurino, maquiagem, iluminação, trilha sonora e performance no âmbito profissional e de estudantes. Com exposições, apresentações, palestras e oficinas realizadas de quatro em quatro anos na cidade de Praga, República Tcheca.

⁴ “O conjunto urbanístico-arquitetônico de Brasília, construído a partir do Plano Piloto, um projeto de Lucio Costa, foi inscrito no Livro de Tombos Histórico pelo Iphan em 14 de março de 1990. Primeiro conjunto urbano do século XX a ser reconhecida pela Unesco, em 1987, como Patrimônio Mundial. Sua principal característica é a monumentalidade, determinada por suas quatro escalas: monumental, residencial, bucólica e gregária e por sua arquitetura inovadora.” Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/31>. Acesso em 09/05/2024. N.E.

coletivo. Em 2021 desenvolvemos o curta experimental e intervenção poética urbana “Lourença”.

Atualmente, o *Entrevazios* é formado por cinco integrantes: Luênia Guedes, Maysa Carvalho, Roberto Dagô, Gabriel Tomé e Thay Limeira. O grupo está em fase de execução do projeto de manutenção de grupo contemplado pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal – FAC⁵. Como parte das ações de fortalecimento das pesquisas do coletivo, as atividades do projeto estão divididas em três eixos de pesquisa dentro da temática de Poéticas Urbanas, a saber: matéria; palavra; imagem e som. Neste artigo, ressalto a ação “Barraca de Memórias”, integrante do projeto no eixo matéria.

Essa atividade tem como objetivo promover o encontro com mulheres idosas em quatro Regiões Administrativas — RAs⁶ do Distrito Federal a fim de proporcionar um exercício espontâneo de relato de memórias pessoais a partir do objeto. O recorte etário e de gênero visa escutar mulheres mais velhas que Brasília, ou seja, priorizando aquelas com mais de 63 anos para conhecer suas histórias dentro e fora do contexto da mudança para o território do Distrito Federal. Os locais escolhidos se assemelham por serem quatro Regiões Administrativas, historicamente marcadas pela presença de acampamentos e ocupações durante a construção de Brasília ou existirem antes dela, enquanto municípios goianos.

Ainda são poucos os materiais bibliográficos e videográficos que permitem contato com a trajetória das mulheres pioneiras ou candangas, e encontram-se menos dados ainda a respeito de mulheres que vieram de contextos marginalizados. Os registros disponíveis dão maior destaque às mulheres que chegaram em casas com melhores estruturas, e quase sempre

⁵ O Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal – FAC/DF foi criado em 1991 e, desde então, tem sido o principal fomento às atividades artísticas e culturais do DF por meio de editais públicos. A principal fonte de recursos advém de 0,3% da receita corrente líquida do Governo do Distrito Federal.

⁶ O Distrito Federal não possui divisão em municípios, pois é dividido em 35 regiões administrativas como forma de descentralização administrativa e coordenação dos serviços públicos. Cada uma das RAs possui características socioeconômicas e limites físicos distintos.

acompanhadas de filhos e do marido, este que frequentemente exerciam altos cargos da construção civil para trabalhar na criação da cidade.

A ação da Barraca de Memórias aconteceu de modo semelhante em três regiões: Planaltina, Vila Planalto e Paranoá. E foi um pouco diferente no Núcleo Bandeirante, mas todas elas ocorreram em duas etapas. Ao longo do artigo elas serão apresentadas.

Da gaveta ou estante de casa ao espaço museal

A primeira etapa para a realização da ação da Barraca de Memórias se deu em parceria com a Mediato⁷ e o Museu de Arte de Brasília – MAB⁸, localizado na Vila Planalto – DF. As mulheres idosas do Paranoá, Planaltina e Vila Planalto fizeram uma visita ao MAB. A proposta se uniu ao projeto a fim de realizar um primeiro momento de sensibilização para a relação do objeto, da preservação e da memória.

Para o encontro, criamos um plano de mediação com a visitação passando por quatro obras específicas, e buscamos enfatizar uma relação entre este local e a ação da Barraca de Memórias, que viria no nosso segundo encontro com as mulheres. Para isso, trabalhamos com a analogia de uma gaveta ou estante de objetos que temos em casa, vinculando-se ao espaço museal.

A gaveta — com os objetos que deixamos guardados à vista de poucos olhos ou quase nenhum — e a estante — com objetos expostos e vistos por quase todas as pessoas que olharam com maior atenção àquele espaço residencial — abrigam histórias que desejamos manter preservadas e compõem uma pequena coleção de objetos de memórias. Jean Baudrillard (2006), ao

⁷ Criada em 2011, a Mediato é uma reconhecida iniciativa de mediação cultural que visa criar aproximações entre público e a obra artística. Saiba mais em: <https://www.mediato.art.br/>

⁸ Criado em 1985 pelo Governo do Distrito Federal, por iniciativa da Secretaria de Educação e Cultura, o MAB já reunia diversas obras de arte provenientes de doações e prêmios, mas somente em 2021 a reforma do prédio, que teve outras funções anteriormente, foi concluída e o museu oficialmente inaugurado.

comentar sobre as coleções pessoais de objetos, salienta sobre sua mudança de status. Os objetos que ocupam uma coleção, muitas vezes, são abstraídos de sua função útil e passam a habitar um estatuto estritamente subjetivo e relacionado ao indivíduo. Quase sempre conhecemos pessoas que guardam objetos aparentemente inúteis e jamais se desfazem deles e, ao longo dos anos, o vínculo entre eles tende a estar cada vez mais próximo em meio a mudanças de casa ou cidade, isto é, seguem em contínuo contato e preservação.

Ecléa Bosi (1994) apresenta o termo *objetos biográficos* a essas peças que acompanham a vida de uma pessoa. Os objetos biográficos envelhecem com a pessoa e são insubstituíveis, em contraponto aos *objetos protocolares*, que não se enraízam nos interiores e se deterioram em pouco tempo. Se fizermos uma expansão da ideia de objetos biográficos para o âmbito de uma sociedade, quais objetos poderiam contar essas histórias?

Uma possibilidade de resposta encontra-se nos estudos museológicos. O museu é uma instituição de memória, como bem apresenta Diego Lemos Ribeiro (2022). É o local de preservação dessa memória social, sendo a coleção ali presente um elemento vital que apresenta quem nós somos, ou queremos ser, individual e socialmente. Ainda segundo Ribeiro (2022), o museu serve à vida e está sempre aberto a novas leituras e interpretações, e funciona como um pacto com o tempo ao guardar coleções e objetos.

A relação entre os objetos como dispositivos de memórias na analogia com a gaveta ou a estante de casa junto ao espaço museal mostrou-se uma boa estratégia para propor o vínculo das mulheres idosas à visita e ao projeto como um todo.

A primeira obra visitada foi de Anita Malfatti, única obra que não pertence ao acervo permanente do MAB e que, na ocasião, integrava uma exposição temporária. Era um desenho em grafite de uma paisagem com características rurais. Com essa obra, pudemos conversar sobre a artista brasileira e também propor um exercício de imaginação. Se fôssemos desenhar um local que nos agrada, o que estaria na imagem? Quase todas as mulheres que responderam

descreveram um local do campo, com árvores, casas pequenas e/ou animais. Ali iniciávamos nossa jornada em parceria com as longas memórias delas.

A segunda obra visitada foi “Rendeiras II” (1990), de Nonato Oliveira. Essa compunha o setor de obras da cultura popular brasileira. O quadro era uma pintura que retratava três mulheres com bilbos ou birros de renda. Fizemos juntas a leitura da imagem, reconhecendo as cores, formas e atividades representadas na pintura, bem como o nome da obra. Não demorou muito para que viessem as histórias sobre o ofício da renda. E foram muitas, desde lembranças das avós, das mães, tias. Houve até relatos pessoais de confecções próprias da renda. Muitas também se lembraram de outras terras; de onde vieram ou onde visitaram. O Ceará foi o primeiro a ser mencionado como um local de muita renda. Depois vieram outros na região do Nordeste e também lugares fora da região. Essa obra despertou sorrisos, boas histórias e a descoberta da cidade natal de muitas delas.



Figuras 2 e 3 – Mediação das obras de Anita Malfatti com as mulheres do Paranoá (à esquerda) e Mulheres de Planaltina em frente à obra “Rendeiras II” de Nonato (à direita).
Fotografia: Guy D’Amato.

A terceira obra era uma escultura em barro, “Santíssima Trindade” (1980) de Antônio Poteiro. A materialidade, mais do que a forma e as imagens representadas, foi o principal caminho de identificação. Muitas já haviam trabalhado com o barro, desde a feitura de pequenos vasos, panelas e telhas de

casas; os relatos foram ricos e variados. Sem poderem tocar na escultura, as convidamos para que descrevessem as texturas e a temperatura do material. Juntas rememoraram o momento em que tocaram no barro e também de quando usaram fornos para a queima das peças.

A quarta e última obra estava no setor de mobiliários e se tratava de uma cadeira: “Poltrona ouro preto” (1960) de Michel Arnoult. Optamos por finalizar com um objeto próximo do nosso cotidiano a fim de trazer memórias das coisas que preservamos, retomando a imagem dos objetos guardados com cuidado em uma pequena gaveta ou expostos numa estante pouco manuseada. Observamos a cadeira e principalmente seu ano de criação: o mesmo ano da inauguração de Brasília. Aquela cadeira tinha 63 anos de existência. A algumas surpreendeu o modo como ela estava preservada e como ainda aparentava ser nova. A partir desses comentários, surgiram vários relatos de móveis e objetos antigos, também muito bem preservados, que elas tinham em casa. Móveis com 20, 30, 40, 50 anos que tinham sido dos pais, avós, outros familiares e até mesmo móveis presenteados por Sarah Kubitschek⁹ protagonizaram as histórias.



Figuras 4 e 5 – Mulheres do Paranoá ao lado da obra “Santíssima Trindade” de Antônio Poteiro (à esquerda) e Mulheres da Vila Planalto ao lado da “Poltrona ouro preto” (1960) de Michel Arnoult (à direita)

Fotografia: Gabriel Tomé e Guy D’Amato, respectivamente.

⁹ Nascida em Belo Horizonte, em 1931, Sarah casou-se com Juscelino Kubitschek. Nos anos de governo de seu marido como presidente do Brasil, Sarah Kubitschek acompanhou a construção de Brasília e residiu na cidade até seu falecimento aos 87 anos em 1996.

Durante a atividade, pudemos evidenciar como “as coleções desempenham importantes papéis para consubstanciar memórias e constituir nossas identidades individuais e sociais” (Ribeiro, 2022, p.26). Ao final da visita¹⁰, conversamos sobre o nosso segundo encontro, que seria na região administrativa de cada grupo, e as convidamos para levar neste dia um objeto guardião de uma história que pudesse ser compartilhada com o grupo.

Barraca de memórias

O planejamento da Barraca de Memórias começou antes de pensarmos a visita ao museu, com auxílio de Sandra Vargas¹¹, que é a orientadora cênica do trabalho. Uma importante referência para a criação desta ação é o espetáculo “Noite”¹², de autoria de seu grupo, o Sobrevento.

A barraca com os objetos seria o dispositivo de contato com as mulheres idosas e suas histórias. Ela precisava ser desmontável e de fácil transporte, além de esteticamente convidativa e com objetos variados. Inicialmente, fizemos uma lista de objetos que pudessem ser interessantes para compor a barraca. Não conseguimos cumprir a lista como previsto.

Porém, sem nos darmos conta, acabamos por abrir e exibir nossas gavetas e estantes de objetos pessoais que pertenceram a outras pessoas anteriormente. Uma vez que o objetivo da junção desses objetos era proporcionar uma identificação com pessoas de uma geração diferente da nossa, acabamos por nos reencontrar com algumas histórias intergeracionais entre nossos familiares e as pessoas integrantes do coletivo. Em uma tarde entre

¹⁰ As mulheres idosas do Núcleo Bandeirante não puderam participar da ação no MAB. Com elas o primeiro encontro se deu na Casa dos Pioneiros, local em que elas se encontram regularmente. Passamos a tarde juntas e, ao final, apresentamos o projeto e fizemos o convite para que levassem seus objetos contadores de histórias no encontro seguinte.

¹¹ Atriz, diretora, dramaturga e fundadora do Sobrevento em 1986. Sobrevento é um dos mais importantes grupos de teatro do Brasil, com diversas pesquisas e criações premiadas em Teatro de Animação. Há mais de 10 anos, o grupo tem se debruçado na pesquisa de Teatro de Objetos.

¹² Para saber mais sobre o espetáculo, acesse: http://www.sobrevento.com.br/espets_noi.html

histórias, barraca e objetos, elaboramos uma proposta de estruturação dos itens dispostos.

Neste segundo encontro, a barraca também seria suporte para os objetos que elas trouxessem de casa. Momentaneamente, teríamos um acervo coletivo de objetos de memória. E, de modo espontâneo, gostaríamos que cada uma delas fosse instigada a contar suas histórias, seja a partir dos objetos trazidos de casa e advindos de uma gaveta pouco aberta, seja de uma estante quase intocada, seja a partir dos objetos por nós reunidos na barraca.



Figuras 6 e 7 – Primeira montagem da barraca.
Fotografia: Acervo pessoal.

Durante os meses de setembro e outubro de 2023, a Barraca de memórias percorreu as quatro regiões administrativas. No Paranoá, o trabalho aconteceu no Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá – CEDEP, local em que as idosas se encontram regularmente pelo projeto “Vozes da experiência”. Na Vila Planalto ocorreu na Associação dos Idosos Renascer do Pioneiros. Antes da pandemia de COVID-19, as idosas se encontravam com frequência na Associação. No entanto, com o falecimento de algumas delas e com os resquícios gerados durante o longo período de isolamento, as mulheres não retornaram a todas as atividades que realizavam antes desse período. Durante o nosso encontro, muitas relataram saudade desses momentos.

O grupo de mulheres de Planaltina foi contatado por meio do Programa Escola Comunidade Ginástica nas Quadras (PGinQ); elas não possuíam um

local fechado que pudesse receber esta ação do projeto. Com isso, conseguiram a autorização para utilização do interior da Igreja São Sebastião no Setor Tradicional de Planaltina. A igreja é uma capela construída em 1890 por pessoas escravizadas e, em 1982, foi tombada como Patrimônio Cultural Brasileiro. Estar neste local foi de uma força imensa, pois a memória de uma importante história da cidade estava preservada nas paredes daquele pequeno espaço. Entre as outras regiões administrativas, Planaltina é a única que já existia antes da construção da capital federal e, em 2023, completou 164 anos. No Núcleo Bandeirante, a ação ocorreu na Casa do Pioneiro, local em que a Associação Rosas Prateadas desenvolve diversas atividades para o público idoso.

Em cada local, iniciávamos a montagem da barraca um pouco antes do horário em que as idosas costumavam chegar. Às vezes, no entanto, algumas delas acompanharam esse momento. Assim, foi possível escutar alguns relatos sussurrados e outros já diretamente compartilhados conosco. Muitas das mulheres que chegavam com seus próprios objetos também já traziam as histórias na ponta da língua a serem contadas à primeira pessoa que vissem, quase sempre revelando com cuidado a peça que protagonizava a memória. Nesses momentos, percebíamos que, antes de iniciarmos formalmente o encontro, ele já estava acontecendo, e nos vinha a sensação de alegria ao saber que o projeto encontrava sentido em cada uma delas.

Com a barraca finalizada, equipe apresentada e abertura oficial realizada, convidávamos as mulheres que haviam trazido algum objeto de casa para integrá-lo aos demais que se encontravam ali. A visita à barraca começava quando o acervo estava completo. Durante a visita, todas as mulheres poderiam observar, tocar e experimentar os objetos que estavam lá, e muitas histórias já se anunciavam.

Quem havia trazido um objeto de casa começava a contar sua história para as demais pessoas do grupo¹³, depois de todas já terem retornado aos seus

¹³ A ação da Barraca de memórias foi integralmente registrada em áudio e vídeo. Este material será editado em um mini documentário com previsão de lançamento em dezembro de 2023.

lugares para escutar uma história por vez. E progressivamente as outras mulheres também contavam suas histórias a partir dos objetos que se encontravam no acervo da barraca.

A leveza e fluidez com que toda essa ação do projeto ocorreu apresenta diversos aspectos de reflexão e análise. Um deles se relaciona à abordagem de José Reginaldo Gonçalves: “são contundentes ao dizer que todos os grupos humanos, no tempo e no espaço, desempenham algum tipo de colecionamento de objetos materiais como forma de criar molduras pelas quais narra-se sobre si” (Gonçalves *apud* Ribeiro, 2022, p.26). Os objetos trazidos pelas mulheres idosas de cada uma das quatro regiões administrativas quase sempre narravam uma memória afetiva de vida, carregadas ao longo de dezenas de anos. Os fortes vínculos se davam muitas vezes a partir de memórias de infância, mudança de cidade e lembranças de familiares.

Após os relatos pessoais, algumas mulheres falavam sobre os demais objetos que guardavam outras histórias e haviam ficado em casa. Convites para irmos conhecê-los pessoalmente, com direito a um bolinho com café, também surgiram, e a nossa alegria era imensa com cada um deles. Ainda não pudemos retornar e aceitá-los, mas esperamos que em breve isso ainda possa acontecer. Ribeiro (2022, p. 27) salienta que os objetos são como “extensões de memórias” e cada um de nós carrega consigo uma determinada sorte de museu. Receber os convites para conhecer a casa dessas mulheres é como poder visitar a curadoria de vida no museu pessoal de suas casas, com possibilidade de profundo mergulho na história de cada uma delas.

O museu-casa dessas mulheres e o pequeno museu coletivo que criamos na nossa barraca, são compostos pelo que Shaday Larios (2021) apresenta por *mnemobjetos*, que se compõem de um centro de oscilações lúdicas para além de um conceito, o qual assimila e conforma de acordo com uma variedade de ambientes e biografias de objetos. Larios, junto a diversas pessoas durante uma oficina em Buenos Aires, e a partir de algumas premissas, coletivamente listaram qualidades para esse tipo de material:

Um mnemobjeto:

1. É um agente que ativa, através da matéria, o dispositivo de memória. (...)
3. Sua imagem e aparência são apenas um aspecto. Abaixo dela estão camadas de memória de diferentes espessuras e densidades.
4. Ela emerge de um exercício rigoroso e comprometido de observação e afetação, de dimensioná-la em camadas e substratos para fazê-la falar pelos seus poros e fendas. (...)
7. Ele é um viajante do tempo, nos leva a dimensões inconscientes.
8. Construir caminhos entre o individual e o coletivo, entre o privado e o público.
9. Ele é expansivo, procura cúmplices.
10. Apresenta vestígios de suas relações. Marcas tornam-se vestígios.
11. Ele é um sobrevivente que te leva a procurar outras vozes, testemunhos, evidências.
12. Eles são destruidores do silêncio.
13. É intensivo: redistribui percepções, corpos e sentidos.
14. Está ali para se comunicar, não tem boca, mas tem linguagem própria.
15. É um baú de afetos e intensidades humanas e não humanas.
16. Pode ter sobrevivência própria, tornando-se independente do possuidor.
17. Possui um enigma e um mistério que pode aproximá-lo de fatos e histórias míticas.
18. A necessidade, o desejo e o acaso operam criativamente sobre eles
19. Podem ser defensores de utopias. (...)
28. É uma fratura no espaço-tempo.
29. Tem potencial micropolítico.
30. É um arquivo poético (Larios, 2021)¹⁴.

A proposição em percorrer a definição deste termo elencou uma vasta lista de trinta itens, todos com potencial de abertura discursiva. Escolho mais da metade deles para nos acompanhar na reflexão em relação ao (re)encontro dessas mulheres idosas com seus próprios objetos ou com os que habitavam a

¹⁴ Tradução da autora. Original: *Un Mnemobjeto: 1. Es un agente que activa, a través de la materia, el dispositivo de la memoria. 3. Su imagen y apariencia es sólo un aspecto. Debajo de ella se esconden capas de memoria de distintos espesores y densidades. 4. Emerge de un estricto y comprometido ejercicio de observación y afectación, de dimensionarlo en capas y sustratos para hacerlo hablar por sus poros y hendiduras. 7. Es un viajero del tiempo, nos traslada a dimensiones inconscientes. 8. Construye caminos entre lo individual y lo colectivo, entre lo privado y lo público. 9. Es expansivo, busca cómplices. 10. Presenta rastros de sus relaciones. Las marcas se tornan huellas. 11. Es un sobreviviente que te impulsa a buscar otras voces, testimonios, evidencias. 12. Son destructores del silencio. 13. Es intensivo: redistribuye percepciones, cuerpos y sentidos. 14. Esta ahí para comunicar, no tienen boca, pero tiene un lenguaje propio. 15. Es un cofre de afectos y de intensidades humanas y no-humanas. 16. Puede tener pervivencia propia, volviéndose independiente del poseedor. 17. Tiene un enigma y un misterio que lo pueden acercar a hechos y relatos míticos. 18. La necesidad, el deseo y el azar operan creativamente sobre ellos 19. Pueden ser sostenes de utopias 28. Es una fractura en el espacio-tiempo. 29. Tiene potencial micropolítico. 30. Es un archivo poético.*

barraca de memórias. Os aspectos elencados apresentam a qualidade do objeto, enquanto matéria, em atuar como um dispositivo de memória com distintas camadas de espessura e densidade.

Na experiência da Barraca de Memórias, o exercício rigoroso apresentado no item de número quatro mostrou-se em duas bonitas circunstâncias. A primeira delas se deu para aquelas mulheres que saíram do museu¹⁵ com o convite de levar para o próximo encontro um objeto que contasse uma história a ser compartilhada com o grupo. A segunda deu-se no momento em que se encontraram com os objetos da barraca e logo vieram memórias e histórias de vida protagonizadas por aquela matéria. Em ambas as vivências houve uma fratura do espaço-tempo a fim de que essas mulheres pudessem exercitar a observação e afetação para dimensioná-las na percepção das falas, vindas destas aberturas de poros e fendas da matéria. Essas falas vinham da potência de expansão e busca por cúmplice de histórias destes objetos; sendo eles destruidores do silêncio e exercendo a força micropolítica da narrativa pessoal e também coletiva.

Os mnemobjetos são arquivos poéticos da vida e lembram um trecho em que Simone de Beauvoir cita Jean-Paul Sartre, quando diz: “não se possui o passado como uma coisa que se pode segurar na mão e observar sob todos os ângulos” (2018, 379). O passado não se materializa de forma única, mas os objetos podem ser vestígios fragmentados de lembranças que viajam no tempo por caminhos individuais e coletivos.

Henri Bergson (2010) diferencia dois tipos de memória: uma dada pela repetição e pelo hábito, sendo uma ação com um tempo determinado até que seja apreendida e utilizada; a outra se dá a partir de um acontecimento, uma representação sem utilidade que conserva o lugar e o tempo do que ocorreu com duração arbitrária. Qual foi o hábito criado ao longo da vida possível de ser lembrado? Quanto tempo se demorou para adquiri-lo? Qual acontecimento marcou o percurso da sua vida? Quando e onde isso aconteceu? Essas

¹⁵ Ou do encontro anterior à ação da Barraca, como foi o caso das mulheres do Núcleo Bandeirante.

perguntas exemplificam uma diferenciação entre as duas abordagens apresentados por Bergson.

As lembranças que se adquirem voluntariamente por repetição são raras, excepcionais. Ao contrário, o registro, pela memória, de fatos e imagens únicos em seu gênero se processa em todos os momentos da duração. Mas como as lembranças *apreendidas* são mais úteis repara-se mais nelas (Bergson, 2010, p.90).

As lembranças apreendidas podem possuir diversas origens, mas uma delas se dá pela noção do(s) ofício(s) realizados por uma pessoa ao longo da vida, ou de suas virtuosas motoras ou intelectuais presentes na velhice, por exemplo. Estas são mais valorizadas socialmente, principalmente pelo seu aspecto útil quanto ao modo vivido socialmente, seja pela sua produtividade ou pela sua qualidade espetacular. Já as memórias dos acontecimentos únicos não possuem o mesmo valor simbólico na sociedade. A recordação de um momento de vida com impacto emocional passa a ser algo com pouca utilidade e cada vez menos partilhado. Mas “há na lembrança uma espécie de magia à qual somos sensíveis em qualquer idade” (Beauvoir, 2018, p.379), e se encontra na subjetividade do ser humano. “Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar” (Bergson, 2010, p.90). A ideia de acontecimento proposta por Bergson se aproxima da noção de experiência de Jorge Larrosa (2022), sendo aquilo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Para Larrosa, a experiência tem sido cada vez mais rara por conta de alguns fatores listados ao longo do estudo, mas um deles trata do tempo:

A experiência está cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera (...) a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos (Larrosa, 2022, p. 22).

Atualmente os avanços tecnológicos buscam ser aprimorados em dois importantes princípios: segurança e velocidade, e têm nos trazido muitos benefícios. Mas a aceleração da vida, principalmente nos centros urbanos, é um

grave fator de risco para o caráter humano e suas subjetividades, já que “(...) a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência” (Larrosa, 2022, p. 22).

Segundo Beauvoir (2018), estamos com recursos tecnológicos cada vez mais avançados na palma da mão, e ademais eles têm ocupado nossa mente com a velocidade de suas informações e pelo imediatismo de resposta. Para ela,

A aceleração da História perturbou profundamente a relação do homem idoso com suas atividades. Imaginava-se outrora que um tesouro se acumulava nele ao longo dos anos: a experiência. (...) Última etapa de um constante progresso, a velhice seria o mais alto ponto de perfeição da existência (Beauvoir, 2018, p.398).

As pessoas idosas também são sujeitos da experiência, e talvez os melhores dela. Mas muito tem se destruído da velhice: “muito longe de oferecer ao velho um recurso contra seu destino biológico assegurando-lhe um futuro póstumo, a sociedade de hoje o rechaça, ainda vivo, para um passado ultrapassado” (Beauvoir, 2018, p. 398).

A Barraca de memórias é um convite para que essas mulheres possam seguir ativas como sujeitos de experiência da vida já vivida e do muito que ainda viverão. Nela, o objeto antigo, o mnemobjeto, é um arquivo poético em busca de cúmplices para contar sua história. E assim como a narração atua como linguagem da experiência (Larrosa, 2022), os objetos também podem integrá-la como um dispositivo de memórias de acontecimentos. Jean Baudrillard corrobora com isso, pois, segundo ele,

[...] o objeto antigo [...] não tem mais resultado prático, acha-se presente unicamente para significar. É inestrutural, nega a estrutura, é o ponto-limite de negação das funções primárias. Todavia não é nem afuncional nem simplesmente “decorativo”, tem uma função bem específica dentro do quadro do sistema: significa o tempo! (Baudrillard, 2006, p.82).

A velhice também é um significado do tempo, pois significa vida, relato dos acontecimentos que é a matéria-prima da experiência. O objeto antigo possui um estatuto: “na medida em que aí se encontra para esconjurar o tempo na ambiência e onde é vivido como signo, (...) é vivido de outra maneira. É

quando, não servindo para nada, serve profundamente para qualquer coisa” (Baudrillard, 2006, p.83). E os nossos museus pessoais de objetos, assim como os demais museus, são um fenômeno humano: “a partir de reminiscências que sobrevivem ao tempo, mediar memórias e projetar-se no futuro – mesmo que em nossa ausência, se considerarmos que nossas coleções tendem a durar mais tempo do que nós mesmos” (Ribeiro, 2022, p.27).

Quanto tempo dura um objeto? Quantas gerações eles podem percorrer? Qual valor e utilidade eles passam a ter? As reflexões sobre a relação entre os objetos, o tempo, a velhice e a memória não cessam. Há muito espaço de discussão e principalmente de valorização dessas vivências e possibilidades de encontro.

Este projeto e pesquisa ainda estão em fase introdutória. No entanto, como desdobramento, já estão previstas a realização de um minidocumentário a ser lançado em dezembro de 2023 e a criação dramaturgicamente de um espetáculo-instalação em 2024. Ambos serão lançados e estreados juntamente às mulheres idosas participantes do projeto e suas comunidades.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Tradução: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução: Maria Helena Franco Martins. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BERGON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. 4ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 Ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

LARIOS, Shaday. **Diário de Memória Material: 83 voces reunidas para compreender objetos**. 2021. Disponível em:

https://www.oligorymicroscopia.org/2021/01/22/diario_memoria_virtual/ Acesso 26 out. 2023.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1.ed.,; 6. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RIBEIRO, Diego Lemos. Poéticas da possibilidade: O museu para fins vitais. In: **MOIN-MOIN – Revistas de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas: Preservação e conservação de acervos no Teatro de Animação**. Florianópolis, v. 2, n.27, p. 18 -45, dez. 2022.